

entrevista

Na CBS durante os anos Kennedy e a Guerra do Vietname *Peter M. Herford*

Entrevista de Eduardo Cintra Torres
Investigador e crítico de televisão

Peter M. Herford

Frequentou a Columbia University, em New York City, incluindo o Mestrado em Relações Internacionais.

Trabalhou 27 anos na CBS News, incluindo durante a Guerra do Vietname, tendo sido chefe do escritório no Centro-Oeste dos EUA e em Paris. Produtor de *60 Minutes*. Vice-presidente do departamento de notícias durante 13 anos.

Director de um programa *fellowship* (William Benton Fellowships) para jornalistas de *broadcast* na Universidade de Chicago. Director residente de um programa de apoio a jornalistas independentes na Croácia durante a era Franjo Tudjman. Três anos em Portugal durante a criação do CNL. Professor de Jornalismo na Licenciatura da Escola de Jornalismo da Universidade de Columbia durante 7 anos. Executivo Senior para Produção na Public Radio International nos EUA. Actualmente, professor de Jornalismo na Universidade de Shantou, em Shantou, República Popular da China.

Tens origens europeias. Os teus pais eram alemães e tu nasceste na Alemanha. Isso influenciou a tua carreira como jornalista?

Só dei conta da influência do meu nascimento alemão e da minha origem europeia quando fui trabalhar para a CBS News. Os EUA são uma nação relativamente insular, mais ainda quando comecei a minha carreira profissional nos anos 60. Apesar de os EUA terem levado os aliados à vitória na Segunda Guerra Mundial, logo que a guerra acabou a atenção em si e o rápido desenvolvimento económico separaram-nos do resto do mundo. A Europa e o Japão seguiam o caminho da recuperação e

os EUA olhavam para dentro. Crescer em Nova Iorque, uma cidade internacionalista, num lar onde a maioria dos amigos dos meus pais eram refugiados europeus, deu-me uma visão enviesada da vida nos EUA. Só quando cheguei a uma atmosfera «*all-American*» como a de uma organização noticiosa dum TV americana é que percebi quão diferente eu era. Um incidente ilustra a diferença. Não muito tempo depois de eu começar a trabalhar na CBS News, usaram-se os primeiros satélites suborbitais para transmitir imagens de televisão através do Atlântico. Os satélites permitiam uma «janela» de

20 minutos durante a qual podíamos transmitir. Entre as nossas escolhas estava um programa vindo da Alemanha, narrado em alemão. A CBS News contratou um tradutor. Depois de acabado o programa, recordei o meu chefe, Vice-Presidente da CBS News, de que falava fluentemente alemão. «Ah, esqueci-me», disse ele.

Quando começaste a trabalhar em televisão? Tinhas estudado jornalismo? Havia cursos de jornalismo nas universidades?

Nunca frequentei uma escola de jornalismo. A ironia é que andei na Columbia University, que tem a mais famosa escola de jornalismo do país. Andei lá sete anos a estudar Ciência Política, História e Relações Internacionais. A primeira vez que alguma vez pisei a Escola Superior de Jornalismo de Columbia foi quando fui para lá ensinar. Era uma sensação estranha entrar num edifício que eu conhecera por fora durante sete anos e entrar lá como professor. Quando eu era estudante, nas décadas de 50 e 60, havia relativamente poucas escolas de jornalismo. A maioria concentrava-se na imprensa escrita, não no *broadcast*. Eu fui dar ao jornalismo *broadcast* por acaso, não em resultado dos estudos ou duma escolha.

Como era a televisão americana quando começaste a trabalhar?

A televisão americana estava na sua infância. Ainda não tinha passado muito tempo desde a ligação entre as costas Leste e Oeste permitindo enviar imagens através de todo o país. A televisão era uma relativa novidade e os noticiários televisivos, então, eram em definitivo uma novidade. As notícias da rádio ainda era importantes e tinham muito mais ouvintes do que a televisão tinha espectadores. A maior parte dos

meus colegas do liceu e da universidade condoíam-se da minha escolha profissional e pensavam «ele acabará por saber o que quer quando crescer». Não era toda a gente que estava convencida de que a televisão fosse mais do que uma novidade, uma moda passageira. Ninguém via a informação como um potencial sério da televisão.

Na época, qual foi o impacto das notícias na televisão?

A eleição de John Kennedy em 1960 fez uma grande diferença para a televisão e para as notícias na televisão. Ele foi o primeiro candidato «carismático», bonito, telegénico, e a sua equipa eleitoral tinha considerado que a televisão podia ter um grande impacto nos eleitores. Sabiam que já havia suficientes televisores, suficientes lares a ver televisão para isso afectar uma votação nacional. Conseguiram convencer o opositor de Kennedy, Richard Nixon, a concordar com debates televisivos. O primeiro debate transmitido pela CBS foi produzido pelo homem que inventou e dirigiu o programa *60 Minutes*, o mais popular programa informativo da história da televisão. Don Hewitt era director de TV, director da sala de controle; ele vivia e respirava televisão. Era instintivo e o homem certo na altura certa. Foi ele que reconheceu, antes do debate, que o bom aspecto e as características de Kennedy fariam o pálido Nixon parecer mal. Ele tentou convencer Nixon a usar maquilhagem, apesar de se estar nos dias da televisão a preto e branco. Não foi por Don gostar de Nixon, foi apenas porque tentava ser justo. O lado de Nixon recusou e o resto é história. Julga-se que Kennedy ganhou o debate na TV. Os que ouviram o debate na rádio acharam que Nixon tinha ido melhor. A televisão, a informação na televisão

e as eleições populares nunca mais foram as mesmas.

Podes descrever a CBS, em especial o departamento das notícias, quando começaste a trabalhar ali?

A CBS News tinha 400 empregados quando eu lá comecei a trabalhar em 1961 (Na sua máxima dimensão, nos anos 80, teve 1500 empregados. Desde então tem emagrecido por razões económicas). A informação televisiva era então uma indústria caseira quando comparada com organizações como o *New York Times*, onde só em repórteres havia mais empregados do que na CBS. O que a CBS News tinha era um distinto corpo de correspondentes, veteranos da cobertura da II Guerra Mundial na imprensa escrita e na rádio, homens maduros nos seus 30 e 40 anos, com grande experiência. Vieram para a televisão, alguns com relutância, porque a empresa estava mais convencida sobre o futuro da informação televisiva do que eles. A CBS News era conhecida como uma «fábrica de escritores». Nós tínhamos os melhores autores de *broadcast* e os melhores autores quando comparados com os da imprensa escrita. Os nossos correspondentes era nomes caseiros pela cobertura da guerra na rádio. Eram o equivalente dos mais famosos jornalistas de hoje; mas até chegar a televisão ninguém sabiam como eles eram.

Walter Cronkite era o apresentador da CBS News, o anfitrião do boletim noticioso da noite. Ele era novo na tarefa. Começou em 1962 quando o noticiário da noite tinha 15 minutos, diariamente às 18h30. Cronkite tinha sido um repórter de agência noticiosa durante a guerra, mais tarde correspondente em Moscovo para a sua agência; depois regressou aos Estados

Unidos e trabalhou nas notícias locais em Washington. Poucas pessoas sabem que ele foi contratado pela estação local filiada na CBS em Minneapolis para ser o apresentador do noticiário local. Ele e a mulher, Betsy, tinham feito as malas e comprado uma casa por causa dessa mudança na sua carreira para o Oeste central quando a CBS lhe propôs apresentar o noticiário nacional. Ele tinha um contrato assinado com a estação de Minneapolis. O que se seguiu seria hoje impossível: a direcção de Minneapolis disse a Cronkite: «Nós compreendemos e não nos vamos pôr à frente do teu caminho. Boa sorte.» Inimaginável hoje em dia. Naquela época, a CBS News transmitia de um estúdio que fazia parte do mesmo edifício onde está a famosa Grand Central Station de Nova Iorque. E a nossa redacção ficava para norte, num edifício de escritórios na Lexington Avenue, a meio quilómetro do nosso estúdio. Todas as noites às 18h15, Cronkite (para quem eu na altura escrevia notícias), Don Hewitt e um par de assistentes fazíamos uma corrida com as folhas do texto escrito, que se agitavam com o vento que fazíamos. Descíamos mais de 20 andares num elevador que alguém mantinha à nossa espera todas as noites. Depois atravessávamos à pressa pelo meio das multidões da hora de ponta da Grand Central Station, parecidas com as que saudaram a equipa vencedora do Porto (2004). Tomávamos um segundo elevador, que também estava de portas abertas à nossa espera, e subíamos os três andares até ao nosso estúdio nas traseiras da estação dos comboios. Éramos novos e estávamos em boa forma física. O Walter entrava no estúdio e sentava-se, geralmente com menos de um minuto antes de

começar, o Don ia para a sala de controle para realizar – e o noticiário começava.

Um dia, quando íamos a descer na longa viagem de elevador na nossa sede, o Walter olhou para mim e disse: «O que é que acontecia se este elevador ficasse parado a meio caminho?» Nesse instante pensei que ainda ninguém tinha pensado nessa eventualidade. Olhei para ele com cara de parvo e disse: «Acho que perdíamos o 'ar'». O Walter sorriu e disse: «Porque é que o estúdio não vem até nós? Porque temos de correr assim todos os dias?»

Na semana seguinte, câmaras, luzes e toda a parafernália de um estúdio tinha sido instalada na nossa zona de trabalho e emitíamos da nossa redacção: a mesma sala em que trabalhávamos todo o dia reunindo, escrevendo e editando as notícias. Nos anos seguintes, o que fizemos por necessidade tornou-se padrão nas notícias em muitos países e em muitas estações de TV. Mas muitas vezes considerava-se o «padrão» como cosmético, mais do que prático.

Foi então que um acontecimento mudou a televisão americana e possivelmente a televisão mundial: o assassinio de Kennedy. Foi a primeira tragédia televisiva na história da televisão. Todas as partes envolvidas tiveram uma palavra a dizer: a instituição (CBS) e o seu presidente, vocês, os autores da emissão, e a audiência. Podes descrever a tua vida e o teu trabalho na CBS durante esses dias agitados? Tiveram a noção na altura de que inauguravam um novo género? E o que mudou depois deste evento?

Foram quatro dias que nenhum de nós jamais esquecerá. Nós mudámos, a televisão mudou, e de várias maneiras o mundo mudou. Eu estava na minha secretária de redactor na «Cronkite

newsroom». Era meio-dia em Nova Iorque e a maioria do pessoal tinha ido almoçar. Os mais novos, como eu, comíamos nas nossas secretárias. Quando as nossas máquinas de telex começaram a tocar as campainhas – alerta de que havia notícias importantes – a vida mudou de um momento para o outro. Por mais que muitos de nós esperássemos por um milagre e que o presidente dos Estados Unidos apenas tivesse sido ferido, não foi preciso passar muito tempo para compreendermos que ele tinha sido atingido mortalmente. A nossa primeira tarefa foi pôr a informação no ar. O Walter Cronkite foi rapidamente apanhado no almoço (nenhuma de nós saía sem deixar os números de contacto onde pudéssemos ser facilmente encontrados; nunca íamos almoçar longe). Fomos para o ar e cada novo e frequente boletim informativo dava informações mais graves. Mas voltávamos à programação habitual (telenovelas) entre boletins. Depois de menos de uma hora de emissão passou a haver um fluxo de notícias mais rápido e quase constante.

Tocou o telefone na secretária ao lado da minha. Era Frank Stanton, o presidente da CBS. Ele queria falar com Don Hewitt, produtor executivo e realizador do noticiário *CBS Evening News with Walter Cronkite*. Só mais tarde percebi que o Dr Stanton (tinha um PhD em Sociologia e Investigação Social) não queria interromper a concentração do Walter e o seu fluxo de trabalho enquanto estava fora da emissão. Por isso, falou com o produtor executivo, Don Hewitt. O Don fala muito. Ele era então o nosso génio, que inventou muitas das técnicas que desenvolvemos para mostrar notícias na televisão. Raramente se via o Don

quieto ou calado. Mas durante esta chamada, que eu ouvi de perto, ele só dizia «sim», «ok», «sim». Mal acabou a curta chamada, perguntei-lhe: «o que é que ele disse, o que é que ele disse?» «Ele disse que podemos entrar no ar quando quisermos e pelo tempo que precisarmos.»

Nunca ninguém na história da televisão tinha antes entregue uma cadeia nacional de TV a uma única pessoa com este tipo de autoridade. Ninguém voltou a fazê-lo desde então. Decidimos rapidamente que a partir do próximo boletim informativo íamos para o ar e ficávamos no ar. Não tínhamos a mais pequena ideia de que não sairíamos do ar durante os quatro dias e meio seguintes. Não íamos pensado em mais do que o que fazer nos próximos cinco minutos.

Estes eram os dias das câmaras grandes e pesadas, da televisão a preto e branco, sem satélites, sem unidades remotas pequenas e leves permitindo a televisão ao vivo no local. Para originar um sinal de TV de qualquer lugar que não fosse Nova Iorque, Chicago ou Los Angeles, era preciso em geral um aviso prévio de 24 horas à AT&T, a companhia telefónica monopolista nos EUA. Eles diziam que precisavam de tempo para mudar linhas e assegurar que o sinal para a televisão nacional que normalmente seguia de Nova Iorque para Chicago e para a Costa Oeste podia ser redireccionado para onde nós precisássemos dele.

Tínhamos feito preparativos antecipados para a visita presidencial a Dallas, e, portanto, as linhas estavam lá. Mas precisávamos subitamente de pontos de origem através dos EUA para informar rapidamente esta história em evolução. Por exemplo, como a agora

devastada cidade de Nova Orleães era a terra do presumível assassino Lee Harvey Oswald, precisávamos de linhas de Nova Orleães. À medida que outros eram envolvidos na história, precisávamos de transmitir ao vivo, porque de repente tínhamo-nos tornado a primeira *network* só de notícias. A NBC também o fez. A cadeia de televisão ABC estava a dar os primeiros passos e era um factor menos sério. Nós transmitimos a detenção de Lee Harvey Oswald e a sua passagem pelo edifício da Justiça em Dallas. Nós transmitimos o seu assassinio, ao vivo. Quando saímos do ar quatro dias e meio depois nem nos demos conta de como o mundo tinha mudado e quanto continuaria a mudar. A maior parte de nós nunca saiu do edifício. Trabalhávamos, passávamos pelas brasas num sofá uma meia hora e voltávamos ao trabalho. Ao terceiro dia, desesperávamos por notícias. A história estava num atoleiro. Não havia novos desenvolvimentos. Fazíamos a cobertura de cerimónias de homenagem por todo o país, cobríamos concertos dedicados integralmente ao falecido presidente. Transmitíamos toda e qualquer coisa que se aproximasse de verdadeiras notícias, porque a audiência não largava os televisores. O país entrou numa paragem dolorosa. Poucas pessoas iam trabalhar, e quando iam procuravam um televisor para ficarem a par.

Percebi que a história estava terminada na quarta manhã. Eu fazia o turno da manhã; levantei-me do sofá e cheguei à minha secretária cerca das 07h00. Encontrei dois pintores de fatos-macacos brancos a pintar as paredes da nossa redacção. Perguntei: «Mas que raio é que vocês estão a fazer?» «O Dr. Stanton disse que a redacção está a começar a parecer suja e precisava duma pintura»,

foi a resposta. Eu só podia sorrir e pensar para mim mesmo: «Estamos a voltar à normalidade.» Durante esse dia terminámos a cobertura contínua. Deixámos para trás um mundo que ainda não entendia o potencial da televisão. Mais do que isso, aprendemos qual o nosso potencial e as energias de que dispúnhamos para as próximas duas décadas. Começámos a discutir com fornecedores de equipamento e iniciámos o desenvolvimento de câmaras mais pequenas e leves. Acelerou-se o *videotape* e a capacidade de reprodução instantânea da realidade. Criou-se a expectativa de que o que quer que acontecesse em qualquer parte do mundo passaria na televisão no ciclo de 24 horas seguintes. O avião a jacto acabava de entrar no uso civil. O mundo encolheu em termos de horas viajadas e o mundo encolheu dramaticamente nas expectativas da informação instantânea das pessoas em toda a parte. Nós tínhamos vivido uma revolução em quatro dias e meio e só soubemos quando ela acabou.

Trabalhaste diariamente com Walter Cronkite. Desde esses quatro dias e meio ele tornou-se uma lenda viva da América. Como foi trabalhar com ele, antes e depois do assassinio de Kennedy?

O Walter foi o melhor «copy editor» para quem trabalhei. Era um típico repórter de agência. Escrevia depressa, correctamente, e usava as palavras com cuidado. Antes do assassinio de Kennedy era um novato na televisão nacional. Estava há menos de um ano na emissão diária. Era o apresentador de um programa semanal chamado *Eyewitness (Testemunha)*, que era emitido à sexta-feira à noite e se debruçava em meia hora sobre a principal notícia da semana. Quando passou

para o noticiário da noite desistiu de *Eyewitness*.

Ele vivia e respirava notícias. Chegava ao escritório cerca das 09h00, trabalhava na cadeira e mesa a partir das quais fazia a emissão e raramente se ia embora antes do fim da emissão. Ele também era o anfitrião da nossa cobertura especial de eleições, dos congressos políticos e grandes eventos noticiosos. Ele apresentou ao vivo todas as primeiras missões espaciais e, claro, a da Apolo 11, a primeira viagem do homem à Lua. Construiu uma reputação de «homem de ferro», que era a sua alcunha porque parecia trabalhar os eventos inteiros sem sequer ir à casa de banho. Todos nós, os mortais, ficávamos admirados com este talento. Interrogaram o Walter uma ou duas vezes acerca disso, mas ele achava a pergunta tola. Ele pensava com toda a honestidade que toda a gente era assim – que não precisavam de ir à casa de banho durante meio dia ou um dia inteiro.

Profissionalmente, ele era um editor duro. Nos anos após o assassinio de Kennedy, os noticiários televisivos ganharam popularidade. A ABC juntou-se à CBS e à NBC com o noticiário de meia hora todas as noites. O movimento dos direitos cívicos, a corrida para a Lua e a guerra do Vietname dominaram as notícias no final dos anos 50 e nas décadas de 60 e 70. Pelos anos 60, *todas* as notícias que 85% do público americano recebia vinham daqueles três noticiários. As pessoas liam cada vez menos jornais. Assustava-nos o facto de sermos a única fonte de informação num mundo tornado complexo e perigoso. Os nossos 30 minutos eram na realidade 22 minutos editoriais, quando se retiravam os anúncios e a abertura e fecho do programa.

O Walter era também o «managing editor» da emissão, cargo que vinha dos jornais. Ele insistia nesse papel e no seu poder. Em termos europeus, era o chefe de redacção. O Don Hewitt era o produtor executivo e realizador de estúdio, uma combinação única que não se repetiu em nenhuma outra estação, onde havia pessoas separadas para os dois trabalhos. O Don tinha vindo para a televisão como realizador e desenvolveu as suas técnicas de produção. Ele era responsável pelo «ar» da emissão, pelas técnicas de produção, e por pôr o programa no ar. O Walter era o homem ao leme dos conteúdos.

O mandato que o Walter desenvolveu para a CBS News era simples: «Se vamos ser a única fonte de informação para tanta gente, temos de pôr todos os dias quantas notícias pudermos na emissão.» O princípio orientador era simples. «Mais curto é melhor» tornou-se o nosso *mantra*, fosse uma reportagem filmada no exterior ou uma história «contada» pelo Walter (*a Walter «tell» story*), as notícias que ele apresentava da sua cadeira. Dos 22 minutos editoriais diários, o Walter ocupava em média seis minutos por dia, um pouco acima de 25% da emissão. É interessante, porque foi através deste período que ele se tornou o mais famosos apresentador de noticiários da televisão americana – só seis minutos por dia.

A sua reputação acabou por se traduzir em «Walter Cronkite, o homem em quem a América mais confia», imagem que ele manteve em sondagem atrás de sondagem durante mais de uma década após ter-se retirado dos noticiários televisivos.

O Walter disse aos outros dois redactores e a mim (pensem na equipa como três redactores e um editor que produziam

um argumento de seis minutos por dia): «Escrevam à justa» («write tight»). Isto significa usar o menor número de palavras possível para contar uma história com clareza e rigor. As nossas «tell stories» para o Walter tinham em média 15 segundos. Nós conseguíamos informar acerca de histórias muito complexas nesses itens de 15 segundos. Eu ainda me lembro de trabalhar uma hora ou mais numa única peça para assegurar que «cada palavra merecia entrar na história». É uma regra que ainda ensino.

O editor final era o Walter. Ele pegava na nossa notícia, nas palavras em que tínhamos suado, as palavras que o editor tinha verificado e voltado a verificar quanto a rigor e clareza, e metade das vezes o Walter reescrevia as nossas notícias e muitas vezes conseguia espremer a mesma informação para caber em 10 segundos. Ele dizia: «Se eu conseguir fazer isto hoje duas ou três vezes, consigo incluir mais uma notícia.» Nós fazíamos um noticiário que era preciso ouvir. Não se podia sentar e arranjar as unhas em frente do televisor e perceber o que o Walter estava a dizer. Nós produzíamos o homem em quem a América mais confiava. A prova era clara.

O Walter era um jornalista clássico. Ele nunca emitia uma opinião, mesmo quando estávamos fora de emissão. Nenhum de nós que trabalhámos com ele décadas podemos dizer com alguma certeza onde assentam as suas simpatias políticas pessoais. Muitas pessoas assumiam que ter nascido no Texas e os seus anos de juventude em Kansas City tinham originado um Americano do centro Oeste, Sul e Oeste relativamente conservador.

O Walter só quebrou a sua regra uma vez, uma única vez. Depois de uma

viagem ao Vietname no final da guerra, uma viagem que ele fez para tentar perceber o que estava a dividir politicamente os Estados Unidos, ele voltou carrancudo e convencido de que o Vietname era o que dizia o movimento contra a guerra: a guerra errada na altura errada. O Walter sofreu, no regresso dessa viagem. Ele tinha consciência da sua posição na sociedade americana. Ele sabia o poder que tinha todas as noites, sendo essa precisamente a razão por que ele nunca usava o seu poder jornalístico para mais nada além de informar. Mas o Vietname era diferente. Ele decidiu fornecer aos espectadores o que seria hoje considerado um comentário. Na altura chamava-se um *editorial*, a opinião da pessoa que transmitindo a mensagem. Para os padrões actuais, as palavras dele foram contida e nada veementes ou incendiárias.

O Walter fez de forma a poder dizer que o seu país estava envolvido numa guerra que não podia ganhar. O presidente Lyndon Johnson viu essa emissão, pois via todas as noites os noticiários da NBC e da CBS e com frequência também a ABC. Tinha três televisores no seu gabinete na Casa Branca. Tínhamos alertado as estações de TV filiadas na CBS de que o Walter sairia do seu papel de apresentador no final a emissão dessa noite. Isto era uma medida prática. O governo americano não licencia cadeias de TV, licencia estações de TV. Os responsáveis pelo cumprimento dos regulamentos de missão são as estações de TV. Eram permitidos os editoriais, mas tinha de haver equilíbrio em caso de temas controversos. Todas as partes deviam ter acesso à palavra na televisão. Sabia-se, portanto, que esta noite era especial, e a Casa Branca também sabia. Diz-se

que quando o noticiário acabou o presidente terá dito: «Se eu perdi o Cronkite, perdi o país.» Não foi muito tempo depois que o presidente anunciou que não se recandidatava.

Pela forma como o digo, parece que isto foi muito simples e a direito, mas temos de nos lembrar que os tempos eram complexos, difíceis e tensos. Tal como no tempo do assassinio de Kennedy, o que é hoje claro para nós ao olharmos para trás não era nada claro na altura. É provável que o Walter não tivesse posto no ar a sua opinião se lhe tivessem dito antecipadamente: «Se fizeres isso, forçarás o presidente a não se recandidatar.» Porque isso não estava na cabeça dele quando ele deu a sua opinião sobre o Vietname. Ele acreditava que os jornalistas não deveriam ter esse tipo de poder, esse nível de responsabilidade. Tinha a perfeita consciência do facto de ser famoso por causa da televisão e não por ter sido eleito para um cargo nacional.

Desde que se reformou, ele tem falado ao longo dos anos bem alto e por extenso sobre o abuso de poder pelos jornalistas que se tornaram famosos e que são demasiado liberais no uso das opiniões próprias. Como jornalista clássico, o Walter acreditava na separação «da Igreja e do Estado». Para ele e para nós, isso significava que nós éramos os que lidávamos com os factos e os editorialistas da imprensa os que lidavam com a opinião, e os dois campos nunca se deviam encontrar. Pela mesma bitola, nos anos da CBS News, nunca um anunciante alguma vez entrou no departamento das notícias. Eles eram bem vindos na sala de controle para assistir à emissão no ar, mas nunca foram autorizados a entrar na zona de jornalismo da divisão noticiosa. E, de facto, toda a nossa

operação estava sediada a dois quilómetros da sede da CBS, onde trabalhavam os comerciais. A separação era mais do que simbólica. Desde que se reformou, o Walter tornou-se um comentador editorial e colunista e é frequentemente entrevistado. Ele não hesita em dar a sua opinião, que, sabemos agora, é bastante liberal.

Como analisas o mito do apresentador do noticiário?

Não era e não é um mito. É realidade. Em grande parte, a resposta a isso encontra-se no que referi antes. A origem do «mito do apresentador» reside na rádio. A rádio tinha apresentadores de notícias famosos muito antes de existir a televisão. A tradição já estava estabelecida. O ponto de vista do mundo que chegava da BBC era contratar homens com grandes vozes, não jornalistas. Esses homens «liam as notícias». Eles não as escreviam, eram leitores profissionais. E até à II Guerra Mundial entravam em estúdio para cumprir a sua tarefa vestido de *smoking*, para garantir que mantinham a formalidade adequada. Nos Estados Unidos, cresceram duas gerações com a rádio. Os homens – porque havia muito poucas mulheres – que eram personalidades dos jornais e se tornaram tão conhecidos como estrelas de cinema. E os comentadores que davam as suas opiniões antes de existirem os leitores de notícias «objectivos».

O homem que forneceu aos Estados Unidos a sua imagem de apresentador de notícias foi Edward R. Murray.¹ Ele tinha sido contratado pela CBS (que era então uma pobre concorrente de ambas as cadeias da NBC Radio) não para fazer notícias mas para contactar com pessoas interessantes que aceitassem vir à rádio e falar da sua área

de especialização. Essa tinha sido uma forma que Bill Paley, o génio que fundou a CBS, tinha encontrado para desenvolver programação barata. Murrow viu-se na Europa a cumprir o trabalho de arranjar quem falasse na rádio quando se caminhava para a guerra, em 1938-39. Havia um pequeno departamento noticioso na CBS radio. O director viu em Murrow um potencial concorrente e fez o possível para isolar a ameaça. Mas a guerra rebentou e Murrow estava no teatro de guerra e coube-lhe ser a voz da CBS radio e também contratar um corpo de correspondentes no estrangeiro para cobrir a guerra. Ele escolheu brilhantemente entre os repórteres e os noticiários com educação que calhava, como ele, estarem no estrangeiro quando a guerra começou.

Eu estive com o Ed Murray algumas vezes antes dele morrer de cancro do pulmão, resultado de fumar sem parar – como o Jennings. Quando a guerra acabou, o Ed era a voz que todos os americanos conheciam. Ele foi o Walter antes de haver um Walter. De modo que a criação de um apresentador-residente das notícias já estava bem estabelecida antes de o Walter chegar. Nenhum mito.

Também não tenho dúvida nenhuma de que a combinação da mudança política no sistema americano resultante do primeiro debate na TV, o assassinio de Kennedy, e duas décadas de cobertura dos direitos cívicos (uma revolução nos EUA), a corrida para a Lua e o Vietname alternando ou muitas vezes em simultâneo, criaram uma atmosfera que acelerou a fama do apresentador. O Walter estava no lugar certo na altura certa.

Ele não era um génio. Não era um homem com uma educação superior.

Tinha princípios vigorosos e saudáveis. Ouvia e aprendia. Ele usava o seu poder e força para entrevistar quantos líderes do mundo pudesse em todos os domínios. Colocava as perguntas difíceis e repetia-as quando achava que lhe davam respostas políticas. Não tinha medo de perder o seu emprego ou lugar. Ele sabia que os seus espectadores olhavam para ele como o seu substituto, a pessoa que tomava o lugar deles e sabia que o seu único poder era a confiança da sua audiência. A sua credibilidade era tudo para ele. O Walter e mais um par de outros apresentadores que alcançaram a fama durante este período tinham uma vantagem adicional única que nunca mais se repetirá. Cresceram com um novo média. Cresceram com a televisão e foram capazes de ajudar a modelar o seu impacto. O mito não acabou, afinal. Mudou. Vejam Brian Williams, o sucessor de Brokaw. Ele é bem capaz de se tornar tão grande ou maior do que o seu predecessor Brokaw. Mas isso é outra história.

Voltemos aos anos 60, mas numa perspectiva diferente. De que forma o vosso trabalho como jornalistas se relacionava com as audiências? Vocês eram pressionados pelos proprietários de acordo com os números das audiências?

Era subtil. Ao meu nível, nunca senti pressão. O meu mentor, Dick Salant, que foi Presidente da CBS News durante 16 anos, sentia-a.² Uma vez ou outra os três homens principais perderam os seus empregos porque as emissões tinham perdido audiência. É o pecado imperdoável do *broadcasting*. Eles nunca eram pressionados abertamente. Sabiam as regras. Viver pela espada, morrer pela espada. Se és o número um, não há problema. Se és um número

dois muito próximo, há um problema, mas há a possibilidade de recuperação e a probabilidade de que «eles» não arrisquem mudar... para já. Mas se ficas como segundo ou, Deus te livre disso, se ficas em terceiro, então serás substituído. Não despedido. Nenhum dos três deixou a CBS. Foram «recolocados».

Uma estória deliciosa diz tudo. Depois de quase 20 anos como realizador e produtor executivo do noticiário da noite da CBS, Don Hewitt foi chamado ao gabinete do «novo» presidente da CBS News. O «novo» presidente da CBS News era o velho mas bem conhecido Fred Friendly, parceiro de Edward R. Murrow, o homem que criou o primeiro famoso programa de documentários de televisão, *See It Now* – realizado por Don Hewitt. Tudo em família. O Fred tinha sido chamado a presidente quando Dick Salant foi substituído por causa das audiências do programa de notícias do Walter, que passou de primeiro a segundo. «Eles» não podiam substituir o Cronkite, pelo menos por agora.

O Fred era tão bom ou melhor a falar do que o Don Hewitt. Ele disse ao Don que precisava do génio dele para insuflar nova vida nos documentários da CBS, programas que o próprio Fred tinha desenvolvido e tornado a mais distinta e honrosa série de documentários noticiosos das cadeias de televisão. Os teledocumentários precisavam de ajuda e o Don era o homem certo para ajudar. Mas tinha de deixar o noticiário da noite da CBS com o Walter Cronkite e outros.

O Don saiu do gabinete do Fred a dançar nas nuvens. Tinha sido escolhido pelo novo «papa» para ser um dos principais «cardeais» da nova igreja. Correu para o gabinete do seu grande amigo,

vicepresidente para os documentários, e deu-lhe a grande notícia. O amigo ouvi-o com paciência, sorriu-lhe e disse: «Don, tu acabas de ser despedido.» Só então se fez luz na cabeça de Don e ele caiu das nuvens na «real». Para terminar o círculo completo desta estória: o Don nunca mais voltou a ser produtor executivo do noticiário da noite da CBS. Não voltou a realizar o programa. A sua longa colaboração diária com Walter Cronkite terminou. Mas, ao fim de dois anos, o Don desenvolveu um novo conceito de televisão.

Chamou-lhe *60 Minutes*. Tornou-se o mais famoso (e lucrativo) programa noticioso na história da televisão em qualquer parte do mundo. Ele foi o fundador, produtor executivo e núcleo do êxito do programa durante 37 anos. «Eles» forçaram-no a reformar-se com 82 anos. Foi despedido, outra vez. Entretanto, ficou muito rico. Claro que é triste ter de dizer que à data desta entrevista [Setembro de 2005] ele sente-se miseravelmente. A sua razão de ser terminou, tal como acontece a todos nós, mais tarde ou mais cedo.

Notas

¹ O conflito de Murray com o senador Joseph McCarthy foi retratado no filme *Good Night and Good Luck*, realizado por George Clooney (2005). O próprio Clooney representou o papel de Fred Friendly e Frank Langella e Grant Heslov representaram os papéis de William (Bill) Paley e Don Hewitt, todos referidos nesta entrevista anterior à estreia do filme.

² Richard S. Salant (1914-1993). Sobre estes e outros nomes históricos da televisão americana, consultar por exemplo o sítio do Museum of Broadcast Communications (<http://www.museum.tv>).

Uma granada vinda do outro lado do Muro

Estávamos em 1964, o terceiro aniversário da construção do Muro de Berlim. Naquela altura era normal fazer uma reportagem em pé para o noticiário da noite. O correspondente falava para a câmara no local como se estivesse numa cobertura em directo, como se faz hoje.

Dan Schorr, a equipa e eu escolhemos um ponto junto do Muro onde pudéssemos mostrar o muro a continuidade do muro para os dois lados da câmara e também uma das muitas torres de guarda da Alemanha Oriental na retaguarda. Na varanda da torre, estava um «vopo» (Volks Polizei, ou polícia do povo) a fazer a guarda em redor, olhando para nós, aparentemente sem novidade.

O Dan fez a reportagem, acabámos ao fim de um ou dois *takes* e estávamos a embalar o equipamento quando uma granada de fumo assobiou pelo ar e caiu a alguns metros de nós, do lado de cá do muro. O guarda tinha, obviamente, decidido «encorajar-nos a sair, apesar de não ter nenhuma jurisdição sobre o lado de cá do Muro.

□ Na altura não ligámos muito ao incidente. Não tínhamos ficado em perigo físico, o fumo da granada pouco mais fazia do que incomodar. Quando chegámos ao Escritório em Berlim, tínhamos chamadas à nossa espera do Escritório principal em Bona. Queriam saber o que nos tinha acontecido. Já havia um telex da Associated Press (AP) e outros media queriam saber o que se tinha passado. Explicámos as circunstâncias e o facto de que não havia ferimentos; a história morreu rapidamente. Mas era um sinal dos tempos e da sensibilidade do Leste sobre quaisquer imagens do Muro nos media.